

EDIÇÃO 03 OUT/NOV 2020

# VUKÁPANAVO

ISSN 2596-2426

REVISTA TERENA - MS - BRASIL

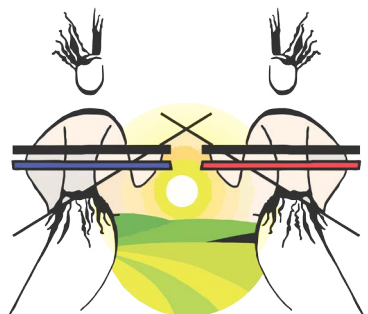
## PANDEMIA DA COVID-19 NA VIDA DOS POVOS INDÍGENAS



# **Vukápanavo: Revista Terena**

nº 3, p. 1-400, out./nov. 2020

ISSN: 2596-2426



CONSELHO DO POVO TERENA

Hánaiti Ho'únevo Têrenoe

CONSELHO DO POVO TERENA

### **Equipe Terena**

Daniele Lorenço Gonçalves

Eder Alcântara Oliveira

Elison Floriano Tiago

Erick Marques

Evelin Tatiane da Silva Pereira

Luiz Henrique Eloy Amado

Simone Eloy Amado

Zuleica da Silva Tiago

### **Capa**

Erick Marques

### **Vukápanavo: Revista Terena**

nº 3, p. 1-400, out./nov. 2020

ISSN: 2596-2426

<https://www.vukapanavo.com>

**Apoio:** Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS); Fundação Oswaldo Cruz, via projeto “Aprimoramento do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, através do desenvolvimento de estudos técnicos, pesquisas científicas e ações estratégicas, essenciais para a diversificação, ampliação e qualidade dos serviços de saúde prestados aos indígenas”.

Mato Grosso do Sul - Brasil

# PANDEMIA DO COVID-19: INVISIBILIDADE E VULNERABILIDADE DOS POVOS INDÍGENAS, O CASO DA ALDEIA SÃO PEDRO, TUPINAMBÁ, BAIXO TAPAJÓS, AMAZÔNIA, BRASIL

Raquel Sousa Chaves<sup>1</sup>

Mariane Sousa Chaves<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho relata a vivência das autoras na aldeia São Pedro, território Tupinambá, baixo Tapajós, no decorrer da pandemia do novo *Coronavirus-Covid-19*. Discute questões como: as vias de contaminação na aldeia, a relação humanos *versus* plantas e as práticas ancestrais no combate a doenças, neste caso o vírus. Discute o contexto em que se encontram os povos indígenas do baixo Tapajós, a relação humanos e seres das águas e das florestas (*encantados*). A pandemia do Covid-19 evidenciou a vulnerabilidade e invisibilidade dos povos indígenas refletindo no que observamos neste estudo de caso. O estudo aponta para urgência de políticas públicas voltadas para o controle territorial e saúde pública de qualidade para os povos indígenas.

**Palavras-chave:** *Novo Coronavirus*; ancestralidade indígena; Tupinambá do baixo Tapajós; controle territorial.

.....

## O contexto dos povos indígenas no baixo Tapajós, aldeia São Pedro, Tupinambá

Atualmente há pelo menos 13 (treze) etnias habitando o região do baixo rio Tapajós, distribuídas além das margens do Tapajós, as margens do rio Arapiuns e no Planalto Santarém: Apiaká, Arapiun, Arara Vermelha, Borari, Cumarua, Jaraqui, Maytapu, Munduruku, Munduruku Cara-Preta, Tapajó, Tapuia, Tupaiu e Tupinambá, correspondendo cerca de 60 aldeias e 8.000 indígenas. Povos contatados no século XVI, fomos perseguidos e sofremos com as políticas integracionistas, tais como: cristianização, proibição das línguas e dos costumes, submissão a regime de trabalho forçado, em que muitos foram mortos, houve um declínio de pelo menos 39% da população (IORES, 2014, p. 71 *apud* PARKER, 1985). No período do “Brasil Independente”, destaca-se

---

1. Mulher indígena do povo Tupinambá do baixo Tapajós, aldeia São Pedro do Tapajós, Santarém, PA, Amazônia, Brasil. Agricultora, doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, UNB, mestre em Botânica e graduada em Biologia. E-mail: [raquell.schaves@gmail.com](mailto:raquell.schaves@gmail.com).

2. Mulher indígena do povo Tupinambá, baixo Tapajós, Santarém, PA, Amazônia, Brasil. Agricultora, Mestre e graduada em Agroecologia. E-mail: [msc.agroecologia10@gmail.com](mailto:msc.agroecologia10@gmail.com).

a *Cabanagem*, revolta popular que ocorreu no período de 1835-1840, e deixou marcas profundas na região, sofremos a matança de muitos parentes, no empate entre cabanos e portugueses (VAZ FILHO, 2010). Posteriormente, em meados do século XIX, o desenvolvimento da economia da borracha, que produziu o cenário político e econômico e a ocupação espacial que predominaram por mais de um século no baixo Tapajós (IORES, 2014, p. 76). Vale ressaltar que a economia da Borracha trouxe para a região, as disputas territoriais, uma vez que os comerciantes se diziam donos das terras, ao passo que escravizavam os nativos.

A exploração da borracha no Tapajós deixou como herança os padrões judeus (VAZ FILHO, 2010, p. 115-116). Modificou também os padrões de uso da terra, os modos de manejo e as formas de ocupação territorial. É nesse contexto que surge a representação da identidade social do *caboclo*<sup>3</sup>, no baixo Tapajós, removendo as identidades indígenas das páginas da história da região. As populações passaram então a serem definidas genericamente como *caboclas* ou *ribeirinhas*, como forma de negar e/ou questionar a identidade indígena de tal população (VAZ FILHO, 2010). Nesse contexto, na segunda metade do século XX, foram criadas pelo menos duas áreas protegidas no baixo Tapajós, a Floresta Nacional do Tapajós, durante o governo militar, a margem direita, e no Brasil República, a Margem esquerda do rio a Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, sobreposta a vários territórios indígenas, incluindo o Tupinambá (figura1).

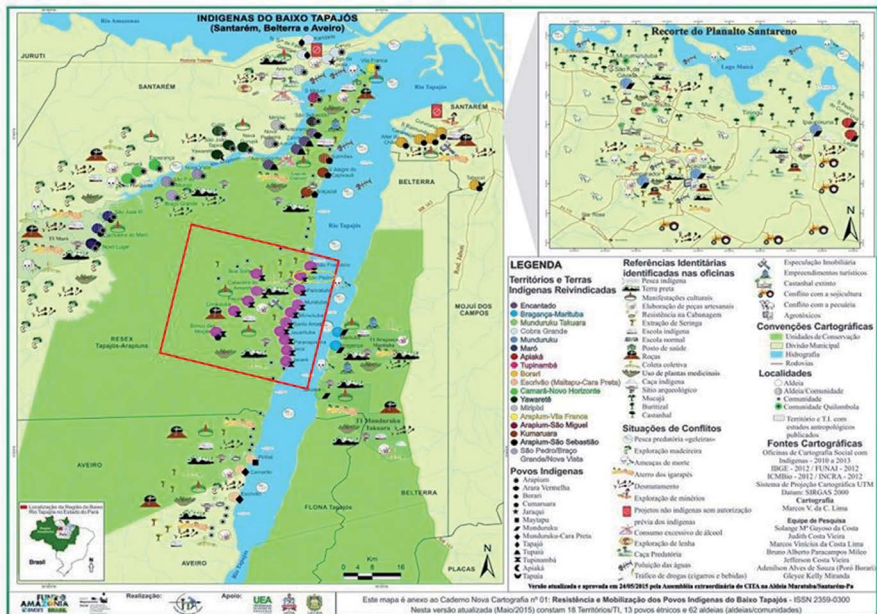
O reconhecimento aos direitos dos povos indígenas na Constituição Federal de 1988, foi determinante para as populações reconhecidas como tais, organizarem-se na demarcação de seus territórios, afim de manifestarem sua cultura, retomando fortemente o orgulho étnico. Grupos que foram forçadas a não se reconhecerem mais como indígenas, mas sim como caboclas, mestiças, bugres, entre outras categorias (nosso caso), voltaram a expressar suas culturas, retornando as suas memórias, e assim reivindicar seus direitos territoriais junto ao Estado. É nesse contexto, que os povos do baixo Tapajós reivindicam sua identidade indígena. Esse processo é conhecido como *etnogênese*, os povos dados como extintos entraram em cena novamente, alterando as suas relações com o Estado a partir da identidade indígena (VAZ FILHO, 2010). Para Arruti, a *etnogênese* é justamente a opo-

---

3. São muitos os autores que trazem a discussão sobre a categoria caboclo. A discussão pode ser aprofundada e questionada em autores como: Schaden, 1969; Ribeiro, 1979 [1970]; Cardoso de Oliveira, 1996 [1964], Galvão (1976), Parker, (1985a e 1985b). Vaz Filho (2010), traz na introdução de sua tese de doutorado, a qual é intitulada “A emergência étnica de povos indígenas no baixo Tapajós, Amazônia” uma discussão bastante profunda sobre a categoria social caboclo, pensando as populações do baixo Tapajós, cuja leitura é fundamental nesse debate.

sição ao etnocídio, “é a construção de uma auto-consciência e de uma identidade coletiva contra uma ação de desrespeito, com vistas ao reconhecimento e à conquista de objetivos coletivos” (ARRUTI, 2006, p. 51). O povo Tupinambá do baixo Tapajós, têm 21 aldeias distribuídas próximas umas às outras, contando com quase 2 mil pessoas que vivem principalmente da agricultura de corte e queima, manjando o cultivo da mandioca, da pesca e da caça em menor escala. Além dos auxílios sociais, aposentadoria e bolsa família, tendo uma forte relação com os centros urbanos próximos, onde comercializam os produtos, sacam seus benefícios e compram parte de sua alimentação. A aldeia São Pedro tem 28 famílias, em torno de 100 pessoas.

Figura 1. Localização das aldeias indígenas da região do baixo Tapajós, Amazônia, Brasil. Retângulo vermelho indica o território Tupinambá, as bolas de cor rosa representam as aldeias e círculo amarelo indica a aldeia São Pedro do Tapajós. Mapa adaptado da Nova Cartografia Social, 2015.



## Nossa relação com os “encantados”

A cultura indígena do baixo Tapajós é fortemente marcada pela crença nos *encantados*, seres das águas e das florestas que nos protegem e também nos perseguem. Nesse contexto que contaremos a mensagem recebida, sobre a pandemia do Covid-19, através de uma das autoras (Raquel Tupinambá). Em 09 de fevereiro de 2020, fui visitar uns parentes, distantes

a 5 horas de barco rio a cima da aldeia onde residio. Apacê, Aveiro, PA, está assentada sobre um sítio arqueológico, assim como a grande maioria das localidades do baixo Tapajós. O lugar me impressionou pela quantidade de fragmentos de cerâmica de uma riqueza de detalhes distribuídos sobre o solo escuro, Terra Preta de Índio, e pela diversidade de plantas nos quintais. Na segunda noite que estava ali, sonhei com o mais famoso pajé vivo da região, o qual visitei no mês anterior, residente na sede do município de Curuá, rio Amazonas. No sonho conversamos sobre uma guerra que acometia toda a humanidade, e nós no interior da Amazônia estávamos proibidos de sair de nossas casas, com risco de destruição e morte. Éramos aconselhados a nos isolar no interior da floresta. No entanto, a nossa curiosidade e teimosia havia feito eu e alguns outros parentes embarcar em uma viagem para verificar o que estará acontecendo nas localidades maiores, o transporte era um automóvel com carroceria onde estávamos “escondidos” por uma cobertura, como se fossemos carga, o motorista era uma pessoa de pele branca, pois este corria menos risco de ser aprisionado pelos policiais que estavam nas ruas. Seguimos por uma estrada de chão saindo da floresta em direção a cidade, na estrada passamos por túmulos, amontoados recente de terra.

Acordei quando éramos parados por um grupo de policiais que pediam nossos documentos e pediam para retornarmos. Sentei na rede aflita com a emoção do sonho, fiquei angustiada por alguns minutos. Será que vamos vivenciar a terceira guerra mundial? Dois dias depois quando retornei para a casa, onde estava meus familiares mais próximos, em uma conversa cotidiana comentei sobre o sonho, que parecia não fazer muito sentido. Um mês depois (10 de março), quando fui para Santarém, sede do município na expectativa de retornar a Brasília, onde residio como estudante de doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília – UNB, havia rumores de uma virose (Covid-19) que havia iniciado no final de 2019na China, e já se espalhará pela Europa, estará naquele momento chegando a América do Sul, o Brasil estava com os primeiros casos suspeitos. Nesse período as universidades estavam suspendendo as aulas por um tempo determinado. Adieei a passagem por alguns dias e retornei para a aldeia na expectativa de retorno ainda naquele mês. Ninguém entendia muito bem a dimensão do que estará por vim. Os dias foram passando e nós passamos a acompanhar pelo noticiário (via rádio e televisão) o desenrolar da pandemia. Em uma manhã, quando tomávamos o café da manhã em casa, ouvimos que em algumas metrópoles passou a vigorar o toque de recolher. Fui quando mamãe assustada exclamou: então, seu sonho se referia a tal situação! Apenas trocamos olhares. Seria uma mensagens recebidas dos *encantados*?

## As vias de contaminação do Covid-19 aos Tupinambá do baixo Tapajós

O vírus se espalhava por todos os continentes do planeta, porém tudo parecia tão distante de nós, a grande maioria não acreditava que seríamos infectados. Essa “certeza” contribuiu para que nos meses de março, abril e a até meados de maio de 2020, praticamente nenhuma medida tenha sido tomada pelas lideranças para conter a chegada do vírus em nosso território. É importante dizer também que não houve atuação dos órgãos do governo, esfera Federal, Estadual e Municipal e de organizações não governamentais – OGNs, nesse sentido. As aldeias recebiam muitos de seus filhos, que se encontravam nos centros urbanos próximos (Santarém, PA, Manaus, AM), trabalhando como mão de obra. Com o aumento no número de infectados e de mortes nas grandes cidades, os trabalhadores eram dispensados. O que resultou em retorno em massa de ex-moradores ou parentes para as aldeias, muitos viam a possibilidade de desfrutar das belezas naturais, fazer festas, enfim, o clima parecia de férias.

O Fluxo centro urbano-aldeia continuou na intensidade de “normalidade”, as embarcações que transportam as pessoas as mercadorias de Santarém (sede do Município) para as aldeias mantiveram as viagens, a quantidade de pessoas indo e vindo foi ainda aumentado com o *Auxílio Emergencial do Trabalhador* que iniciou no mês de maio de 2020. Pessoas que não iam a cidade a meses ou até mesmo há anos foram retirar a primeira parcela do benefício. Além disso, as pessoas continuaram indo a cidade para sacar benefícios sociais, tais como: bolsa família e aposentadoria. Houve o caso de um Idoso (80 anos) que veio a falecer em decorrência da pandemia, por ter sido “obrigado” a ir a cidade, pois os caixas eletrônicos da agência bancaria em que recebia seu benefício são todos de acesso digital. Não temos dúvidas que o vírus chegou até o nosso território via as embarcações.

Os primeiros casos suspeitos nas aldeias do território Tupinambá apareceram na segunda quinzena do mês de abril de 2020. No entanto foram tratados como uma simples virose. Ninguém falava de Covid-19, mas sim de síndrome gripal. Na primeira quinzena de maio quando o pico de contaminação era alto, foi quando começamos a suspeitar e falar de Covid-19 nas aldeias. No entanto, somente na primeira quinzena de junho foi confirmado com Testes Rápido Imunocromatográfico (SARS-CoV-2 antibody test, marca Wolf) realizado pela Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI). Nesse período os testes não foram realizados na nossa aldeia (São Pedro), realizados 10 testes apenas no dia 26 de julho de 2020, em pessoas que participaram da pesquisa. Todos os testes apresentaram resultado negativo.

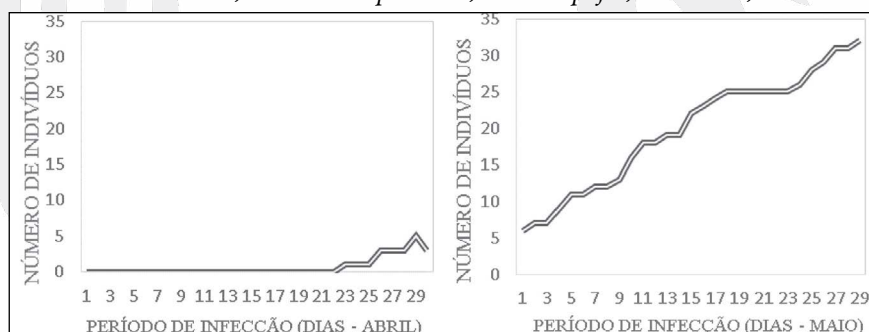


## O Covid-19 na aldeia São Pedro, povo Tupinambá, baixo Tapajós

A aldeia São Pedro do Tapajós têm 28 famílias, sendo que 10 famílias vivem em um agrupamento maior, onde encontra-se uma pequena infraestrutura, como: escola, igreja, microsistema de água, campo de futebol, etc. Estas foram as famílias que fizeram parte do estudo, totalizando 32 pessoas monitoradas que foram infectadas pelo Covid-19 na aldeia, incluindo as autoras. As demais famílias se encontram em agrupamentos menores mais afastadas e algumas residem na cidade, também foram infectadas, mas não participaram diretamente do estudo. A dados foram coletados na segunda semana do mês de maio em visitas as casas. As autoras investigaram qual o período que as pessoas comeram a apresentar os primeiros sintomas, quais os sintomas, qual forma de tratamento, quais plantas foram utilizadas como tratamento. As duas primeiras perguntas fizeram parte de um levantamento de infectados que foi entregue ao Conselho Indígena Tapajós Arapiuns – CITA, organização que nos representa para solicitação de visita da equipe da SESAI na aldeia.

Em 23 de abril de 2020 a primeira pessoa do grupo das 10 famílias apresentou os sintomas do Covid-19, trata-se de uma mulher jovem que esteve alguns dias em uma aldeia vizinha que recebe um grande fluxo de pessoas vindas de Santarém, até o final de abril já eram cinco infectados, até o final do mês de maio todas as 32 pessoas já haviam sido infectadas (Figura 2). Do total de pessoas que residem no agrupamento apenas cinco disseram não apresentar sintomas, trata-se de crianças menores de 10 anos, que podem ter tido sintomas leves, não havendo necessidade de cuidados especiais.

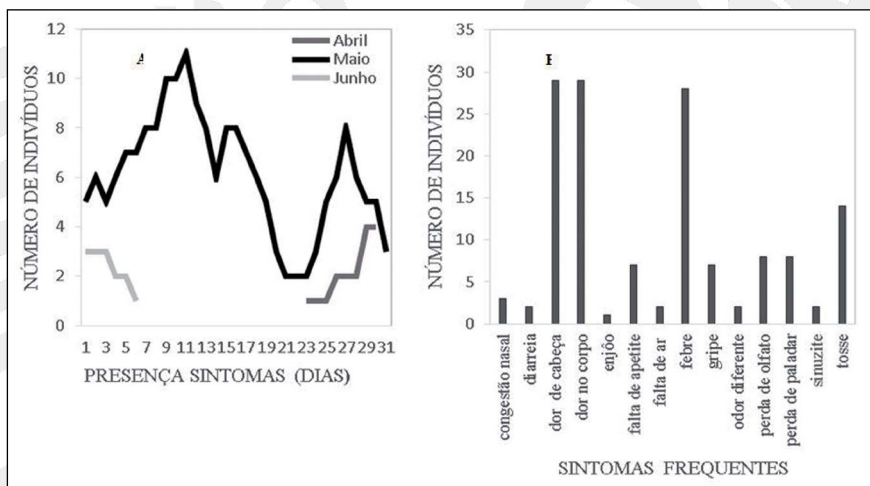
Figura 2. Indivíduos infectados pelo Covid-19 nos meses de abril e maio de 2020 na aldeia São Pedro, território Tupinambá, baixo Tapajós, Amazônia, Brasil.



As pessoas monitoradas apresentaram os mesmos sintomas com considerável variação quanto ao período de permanência dos sintomas mais intensos, variando de dois até 13 dias (Figura 3, A), no período de 09 a 12 de maio foi quando um maior número de pessoas estavam apre-

sentando os sintomas (11 indivíduos). Houve um segundo pico de pessoas apresentando os sintomas entre 26 e 28 de maio (Figura 3, A). Os sintomas mais frequentes foram: febre, dor no corpo e dor de cabeça (Figura 3, B).

**Figura 3.** Indivíduos infectados pelo Covid-19 no período de abril a junho de 2020, aldeia São Pedro, território Tupinambá, baixo Tapajós, Amazônia, Brasil. A) Presença de sintomas intensos por números de indivíduos e B) Os sintomas mais frequentes por número de indivíduos.



Após o período que houve presença intensa dos sintomas, as pessoas relataram a continuidade de alguns sintomas, tais como perda de olfato e paladar, odor forte, fraqueza no corpo. Além disso, algumas pessoas relataram irritabilidade, sintomas depressivos e insônia. E alguns casos também houve sintomas de Acidente Vascular Cerebral – AVC, como: forte dor de cabeça, formigamento no corpo e adormecimento em algumas regiões do corpo. É importante destacar que diversos estudos clínicos tem evidenciado as síndromes e os efeitos colaterais decorrentes da infecção do *Coronavirus*.

Na aldeia São Pedro, a infecção se deu principalmente pelo convívio entre as pessoas, os cuidados parentais com os infectados, e também em decorrência dos nossos hábitos alimentares, tais como: compartilhar recipientes para consumo de água e de alimentos, não lavar corretamente as mãos e o não uso de máscara, por falta de hábito e vergonha dos parentes, o que certamente contribuiu na rápida contaminação de toda a aldeia. Nas primeiras semanas de contágio, as pessoas não queriam acreditar que se tratava do Covid-19, os casos foram tratados pelos próprios parentes como virose. Quando houve consenso que se tratava do Covid-19, os cuidados continuaram os mesmos e, sem isolamento dos contaminados.

## Covid-19: conhecimentos ancestrais e uso plantas nativas na cura

Mesmo sabendo que a pandemia do Covid-19 estava infectando pessoas em todos os continentes e já havia casos confirmados na Amazônia, quando surgiram os primeiros sintomas na aldeia São Pedro, baixo Tapajós, estes foram tratados como virose, que aqui tratamos com infusão de plantas medicinais (chás), infusão de plantas para “banhos de cabeça” e macerado de ervas para “emplasto na cabeça”, uma vez que um dos principais sintomas foi a dor de cabeça, além deste, houve também a dor no corpo que tratamos com massagens corporais (puxação), aumento da temperatura corporal (febre) que é uma resposta a infecção e a tosse e gripe, tratada com xaropes artesanais. Além destes cuidados, ressaltamos também o afeto recebido dos parentes, as conversas motivacionais, as brincadeiras de passa tempo e as contação de histórias, que certamente contribuíram nos cuidados relacionados ao transtorno de humor (depressão).

Quanto ao uso das plantas medicinais as mais usadas para a infusão (chás) foram: cumaru (*Dipteryx odorata*), carapanaubá (*Aspidosperma nitidum*), mangarataia (*Zingiber officinale*), quina, jambú (*acmella oleracea*) e as bem difundidas como limão, laranja e alho, usadas de formas conjunta. Na infusão de plantas para o banho de “cabeça”, usou-se as seguintes plantas: cipó-alho, mucuracá (*Petiveria tetrandra*), murasacacá (*Croton sp.*), vindica (*Alpinia cristata*), pião roxo, pião branco, pião pajé, alfavaca, cumaru, laranja-da-terra, manjeriçã e etc., fervidas, a infusão (banho) é deixada ao sereno durante a noite para molhar a cabeça na manhã seguinte.

No macerado de ervas para o “emplasto de cabeça”, usou-se principalmente macaça, malva-rosa, escama-de-pirarucu (*Bryophyllum pinnatum*), arruda, manjeriçã, cumaru, majirona, uriza, alfavaca, acrescido de álcool 70%. Após a maceração, a massa úmida é colocada sobre a cabeça e pressa a uma faixa de pano. No preparo de xaropes utilizamos principalmente exsudado (leite) de sucubá – *Himatanthus articulatus* e amapá – *Parahancornia amapa*, misturado com mel de abelha e sementes de cururu – *Dipteryx odorata*.

O conhecimento tradicional associado ao uso das plantas medicinais foi nosso aliado no tratamento do Covid-19 na aldeia São Pedro e nas demais aldeias do território Tupinambá do baixo Tapajós, evidenciando a relevância da manutenção dos conhecimentos e do manejo das plantas, quando muitos anciões dos povos indígenas, bibliotecas vivas foram perdidas em decorrência do *Coronavirus*.

## Considerações finais

A pandemia do *Coronavirus* (Covid-19), identificada em 30 de dezembro de 2019, na província de Wuhan na China, chegou ao interior da Amazônia brasileira, aldeia São Pedro, território Tupinambá, baixo Tapajós, Amazônia, Brasil em 23 de abril de 2020, em menos de 120 dias. As principais vias de contágio no território foram as idas e vindas entre aldeias e centros urbanos que se deram para compra de alimentos, recebimentos de benefícios sociais, e a chegada de parentes vindo das cidades para se refugiar. Indicando a forte relação entre cidade e aldeia em nossa região. Ressaltamos que os povos indígenas tem se mostrado suscetíveis e/ou com baixa imunidade para as “doenças de branco”, como mostrado neste estudo de caso. Corroborando dados de todo o Brasil, mostrando que as taxas de infecção e morte entre indígenas foi superior aos não indígenas. Estes dados evidenciam o quão vulneráveis e desassistidos nós povos indígenas estamos.

O estudo também provoca a necessidade de políticas públicas voltadas para o controle territorial e a saúde pública de qualidade para os povos indígenas, uma vez que houveram poucas ou nenhuma política voltada para conter a chegada do vírus nos territórios indígenas e o “socorro” da Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI) foi bastante moroso e quando chegou ainda trouxe a dúvida, se tratava mesmo da infecção. Importante ressaltar os testes anteriores em aldeias vizinhas apresentaram resultado positivo. Os conhecimentos tradicionais e usos de plantas foram aliados no tratamento do *Coronavirus* em nosso território, evidenciando a relevância da manutenção desta cultura para nós povos indígenas.

## Referências

ARRUTI, José Maurício. Etnogêneses indígenas. In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany (ed.). **Povos Indígenas no Brasil: 2001-2005**. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Índio e o Mundo dos Brancos**. 4ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996 [1964].

GALVÃO, Eduardo. Encontro de Sociedades Tribal e Nacional no Rio Negro, Amazonas. In: \_\_\_\_\_. **Encontro de Sociedades: Índios e Brancos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 257-271.

GALVÃO, Eduardo. Estudos sobre a aculturação dos grupos indígenas do Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Encontro de Sociedades: Índios e Brancos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 126-134.

IORIS, Edvirges M. **Uma floresta de disputas: conflitos sobre espaços, recursos e identidades sociais na Amazônia**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. 308p.

NOVA CARTOGRAFIA. **Resistência e mobilização dos povos indígenas do Baixo Tapajós**. Manaus, UEA, 2015.

RIBEIRO, D. **Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 1979 [1970].

SCHADEN, E. Os estudos de aculturação na etnologia brasileira. In: **Aculturação Indígena**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora: Editora da Universidade de São Paulo, 1969. p. 3-58.

VAZ-FILHO, Florêncio Almeida. **A Emergência Étnica de Povos Indígenas no Baixo Rio Tapajós, Amazônia**. Tese de doutorado. Bahia: PPGAS/UFBA, 2010.

**Abstract:** The present work reports the authors' experience in the village of São Pedro, Tupinambá territory, the lower Tapajós, Brazil, during the pandemic of the new Coronavirus – Covid-19. It discusses issues such as: contamination routes in the village, the relationship between humans versus plants and ancestral practices in fighting diseases, in particular this virus. Furthermore, the work brings up the context in which the indigenous peoples of the lower Tapajós find themselves and the relationship between humans and beings from the waters and forests (the enchanted ones). The Covid-19 pandemic highlighted the vulnerability and invisibility of indigenous peoples, corresponding to what we observed in this case study. The study points to the urgency of public policies aimed at territorial control and quality in public health for indigenous peoples.

**Keywords:** New Coronavirus; indigenous ancestry; Tupinambá the lower Tapajós; territorial control.